

O feminino forjado em apresentadoras e influenciadoras criadas por Inteligência Artificial¹

Rita Virginia ARGOLLO²

José Pedro de CARVALHO NETO³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O uso da Inteligência Artificial generativa tem levado produtores de conteúdo a investir na criação de apresentadoras/influenciadoras baseadas em IA. Este estudo traz uma análise de sete experiências nesse sentido, em diversos países, mostrando como todas são mulheres e lidas como brancas. Buscamos discutir questões referentes ao humanismo e uma escrita fonofalocêntrica, racismo algorítmico, machine learning e ética. No apoiamos em autores como Derrida (1973), Cixous (2022), Beiguelman (2020), Coeckelbergh (2023), Lee (2019) e Silva (2023).

PALAVRAS-CHAVE: ciborgue; escrita feminina; fonofalocentrismo; gênero; racismo algorítmico.

INTRODUÇÃO

Menos de dois anos depois do lançamento do ChatGPT, em novembro de 2022, quando se iniciou um processo de propagação do uso da IA generativa, passamos por intensa transformação nos modos criativos e produtivos em diversos âmbitos sociais e profissionais. Assim também acontece no campo da comunicação/jornalismo, a ponto de o brasileiro Grupo Globo seguir a tendência de grandes veículos de mídia mundiais e, em junho, atualizar seus princípios editoriais para normatizar o uso de IA.

É a partir desse contexto que refletimos sobre apresentadoras/influenciadoras criadas por meio de IA, considerando questões de gênero e raça que perpassam a estrutura social. Buscamos compreender de que maneiras este cenário constituído por corpos forjados com base em um senso comum tem contribuído e reforçado estruturas sociais que corroboram posturas/pensamentos racistas e misóginos. Em levantamento feito em sites da internet, no primeiro semestre de 2024, buscamos identificar quantas e quais experiências estão em curso no sentido de criação de apresentadoras com o uso de IA.

LEI, ESCRITA E FEMININO

Quem tem direito a ter direito? A resposta já sabemos-la. O milenar discurso da metafísica ocidental, como diria o filósofo Jacques Derrida (1973), privilegia a voz, a verdade e a razão masculina. Não precisamos fazer muito esforço para saber que o sujeito

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Educação. Professora do Curso de Comunicação Social da UESC, e-mail: rvargollo@yahoo.com.br.

³ Doutorando em Letras pela UESC, com estágio na Paris 8, bolsista Capes, e-mail: carvallhoneto@gmail.com.

desse sistema é um homem, branco, europeu, heterossexual, saudável e cristão (ou aqueles que reproduzem sem questionamentos a essa norma). Esse fonofalocentrismo cria, portanto, uma hierarquia, rebaixando as suas contrapartes, de modo a reivindicar um desejo de pureza. Se o fonofalocentrismo é puro, impuros são as mulheres, os não brancos, não cristãos, os dissidentes da norma heterossexual, o discurso não lógico, o corpo doente. Ao se colocar em xeque esse sistema de pureza biológica, racional, laico e que entende o sujeito como cidadão de direitos, pelo menos desde a Idade Moderna, o que vemos é uma incoerência, já que em nome disso deparamo-nos com uma sequência de violências como o colonialismo e seu sistema escravocrata, assim como, mais recentemente, os efeitos perversos do antropoceno e os riscos que as *deepfakes* representam para os contextos eleitorais em todo o mundo.

É inquestionável que tudo isso se inscreva também neste tão chamado humanismo. Se, no entanto, o projeto humanista é falho, o que acontece num momento em que as violências citadas até agora, entre outras, continuam a se perpetuar, e quando há cada vez mais uma inter-relação, ou sistema de impurezas, entre homem e máquina? Dito de outra forma: se o humanismo ainda viola os direitos de mulheres e pessoas negras, se há um descompasso entre elas e a força de lei fonofalocêntrica, como será possível uma ética no campo da relação homem-máquina? Qual é a responsabilidade das *big techs* nesse cenário de reprodução de machismo, misoginia e racismo estruturais?

Em 1975, a escritora franco-argelina Héléne Cixous publicou o ensaio *O riso da Medusa*, em que diz: “Quase toda a história da escrita se confunde com a história da razão, da qual ela é ao mesmo tempo o efeito, o suporte, e um dos álibis privilegiados. Ela coincidiu com a tradição falocêntrica” (Héléne Cixous, 2022, p. 49). O ensaio de Cixous (2022, p. 41) reivindica uma escrita feminina, que a mulher se escreva e se coloque no mundo, justamente porque foram afastadas da escrita “tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal”. Aqui, entendemos a noção de escrita a partir de *Gramatologia*, onde Derrida (1973) desfaz a estanque hierarquia entre fala e escrita. Ao propor uma inversão da hierarquia entre as duas, a escrita toma o lugar da fala, e com isso o filósofo demonstra que a fala também é uma forma de inscrição, liberando a escrita de mera representação gráfica da fala (ou verdade masculina). Sendo assim, a noção de escrita se amplia: “Há, agora, a tendência a designar por ‘escritura’ tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos

físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita” (Derrida, 1973, p. 10-11).

Esse gesto desconstrutor põe em cena não só estruturas binárias, como masculino/feminino, mas também outras formas de escrita, como a cibernética, que supõe “desalojar de seu interior todos os conceitos metafísicos [...] que serviam antigamente para opor a máquina ao homem” (Derrida, 1973, p. 11). Entendendo que a cibernética é uma escrita sujeita à lei dos conceitos metafísicos, ancoramo-nos nos pensamentos de Derrida (1973) sobre escrita e de Cixous (2022) sobre escrita feminina para problematizar como a comunicação digital e sobretudo as inscrições algorítmicas perpetuam um sistema de opressões contra minorias.

Como já vimos até aqui, corpo e escrita foram rebaixados pelo discurso fonofalocêntrico. A grande ironia é que vivemos em um contexto em que não se pode mais ignorar a multidiversidade de corpos e escritas. Os movimentos feministas, os estudos de gênero, queer, raciais, decoloniais, dentre outros discursos que não mais se submetem às normas que regulam seus corpos e subjetividades, têm tensionado a ordem do dia em todas as instâncias da sociedade, sobretudo no âmbito digital, algo que abordaremos mais adiante.

UMA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO?

Alba Renai é espanhola, primeira apresentadora do país feita por IA, criada com 24 anos em 2023 para liderar o *reality show* “Sobreviventes”, no canal Telecinco. A *influencer* faz sucesso no Instagram e no TikTok e costuma dar entrevistas contando suas experiências e desejos pessoais (Telecinco, 2024). Lisa, *chatbot* indiana, ainda demonstra lentidão no movimento dos olhos e das mãos. No entanto, em abril de 2024 assumiu um quadro de notícias na indiana Odisha TV (Época Negócios, 2024). Também na Índia, Sana faz parte do canal de notícias Aaj Tak, lendo os destaques do noticiário que integra o India Today, um dos maiores no país no setor de mídia. Lisa tem perfil no X/Twitter e em algumas publicações não usa sari e aparece com cabelo solto. Acredita-se que Sana e Lisa facilitariam o consumo de notícias, por falarem mais de uma língua. Lisa domina Odia e inglês, Sana fala em 75 idiomas (CNN, 2024).

Na China, Ren Xiaorong foi desenvolvida pelo canal de notícias oficial, o People’s Daily. A âncora diz ter aprendido habilidades com milhares de apresentadoras, promete notícias 24 horas por dia, aborda tópicos pré-estabelecidos e oferece respostas que promovem o Comitê Central do Partido Comunista da China. Essa não é a primeira

apresentadora chinesa criada por IA. A agência de notícias Xinhua, desde 2018, tem experiências com modelagem baseada em repórteres humanos, dois homens e uma mulher (Terra, 2024). No Kuwait, Fedha iniciou sua atuação no X/Twitter do Kuwait News. Popular no país, tem uma imagem jovial, é loira, de olhos claros. De acordo com os criadores, a aposta é refletir a diversidade populacional, composta por kuwaitianos e expatriados (BBC News). Outra iniciativa espanhola é Aitana Lopez, fruto da agência *The Clueless*, que fatura cerca de 10 mil euros por mês. Tem em torno de com 157 mil seguidores no Instagram, onde posta marcas e cenas do seu dia a dia, como na academia, no café da manhã ou na balada. Faz também publitedoriais e ainda tem conta no *Fanvue* para publicação de material erótico (Folha de São Paulo, 2024).

Milla Sofia é a influencer-robô finlandesa com cerca de 52 mil seguidores no Instagram, se descreve como garota de 24 anos e moradora de Helsinque, capital da Finlândia. As suas postagens são bombardeadas por comentários sexistas, ainda que os criadores deixem evidente que se trata de IA. A influenciadora recebe de pedidos de casamento, sugestão para ir ao Miss Universo, homens dizendo terem sonhado com ela. Por comportamentos dessa natureza, inclusive com outros/as robôs, existem empresas buscando soluções para este tipo de constrangimento. Com Alexa e Siri, por exemplo, que pertencem a *big techs*, há registro de ocorrências semelhantes (CNN, 2024).

Figura 1: apresentadoras e influenciadoras elaboradas por IA generativa



Fonte: Elaborada a partir de imagens disponíveis nos portais BBC News; CNN; Correio Brasiliense; Época Negócios; Folha de São Paulo Público; Telecinco; Terra; (2024).

Um dos aspectos que nos chamou a atenção nesta análise é a relação ser humano-máquina no sentido de consumo, de fruição do corpo feminino pelo homem. E o conseqüente entendimento do que vem a ser um corpo ciborgue. Todas as criações citadas são apresentadas como IA, entretanto, são percebidas como humanas pelos receptores. Nesse sentido, uma apresentadora/influenciadora forjada por mecanismos de IA pode ser

considerada um ciborgue? “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção (Haraway, 2000, p. 40).” Desse modo, diríamos que por trás de uma imagem de mulher há uma série de comandos fomentados por *machine learning* que carregam uma visão média do que seria essa “mulher social”, oferecendo ao público trejeitos, olhares, tom de voz do que se entende como aceitável para o gênero.

Contudo está ali um corpo que borra fronteiras, oferecido como feminino, porém agênero. Ao dizer que a sua escrita em Manifesto Ciborgue “é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras” (Haraway, 2000, p. 42), a autora põe como lugar do ciborgue um mundo pós-gênero, uma vez que ele, o corpo ciborgue, “não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica [...] qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes” (Haraway, 2000, p. 42). O ciborgue seria, para Haraway (2000), um mito que transgride a fronteira entre animal e humano. Nessa perspectiva, a IA/ciborgue carrega consigo um estereótipo de mulher que precisa ser rompido. Mas isso requer ação, então recorremos mais uma vez a Haraway, que ao tratar do que chama de “experiência das mulheres”, diz que a “libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade” (Haraway, 2000, p. 40).

IA, GÊNERO E RACISMO ALGORITMICO/EUGENIA ALGORÍTMICA

É uma tentativa de construção dessa consciência que trazemos aqui. Beiguelman (2020) — ao comentar que o Instagram impunha regras sexistas, como a omissão de publicações contendo bustos femininos — destaca que foram os vários protestos de mulheres compartilhando fotos de amamentação que fizeram o enfrentamento e evidenciaram os matizes ideológicos da visão computacional, principalmente no tocante à IA. Na perspectiva tecnológica, um *software* é utilizado para interpretar imagens digitais. A partir da entrada de dados, previamente rotulados, é feito o levantamento estatístico e desenvolvido um modelo. Esse é o caminho para o aprendizado profundo, o *deep learning* (Beiguelman, 2020). A questão está nessa estrutura de padrão, nas informações usadas na rotulagem. Surgem assim a conformação de vieses, como os que sustentam também o racismo algorítmico, entendido como o “modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social,

recursos e violência em detrimento de grupos minorizados” (Silva, 2022, p. 66). Instrumento de opressão, o racismo adquire ainda maior potência nos meios de comunicação digitais, em razão da pervasividade associada ao seu caráter aparentemente sutil e difuso (Silva, 2022).

O algoritmo em si não pode ser entendido como preconceituoso, mas a carga de dados que o abastece é marcada por subjetividades, que se traduzem em uma série de equívocos sociais. Coeckelbergh (2023) lembra que a questão do viés é tanto um problema ético como cultural, e apesar de problemas referentes a enviesamento e discriminação estarem presentes na sociedade, o risco é a perpetuação e a ampliação do impacto desses fenômenos. De acordo com o autor, a causa pode estar no fato de não entenderem bem o sistema de IA, não compreenderem o problema do enviesamento e dos próprios preconceitos, ou não imaginarem as consequências não intencionais da tecnologia. “Isso é problemático, pois decisões tendenciosas podem ter consequências graves, por exemplo, em termos de acesso a recursos e liberdades individuais” (Coeckelbergh, 2023, p. 118).

Beiguelman (2020) pontua que seremos treinados pelas máquinas para ver *deepfakes* como “*deeptrues*”, desprovidos da capacidade de perceber os processos de padronização. “É neste ponto que os procedimentos de inteligência artificial podem estar gerando o que venho chamando de uma eugenia algorítmica do olhar. Mas e o que fica fora do padrão? Que lugar social poderá ocupar?” (Beiguelman, 2020, p. 136). Coeckelbergh (2023) segue linha de pensamento semelhante, uma vez que destaca o potencial da IA para ampliar desigualdades sociais. “Se a IA criasse um fosso ainda maior entre ricos e pobres, por exemplo, isso seria justo? E, se for injusto, o que pode ser feito a respeito? (Coeckelbergh, 2023, p. 128). O autor chama a atenção para o que precisa a ser feito mesmo sobre o futuro da sociedade.

Lee (2019) descreve quatro ondas da IA: a da internet, depois a de negócios, a de percepção e a autônoma, a união das três anteriores. “Combinar esses poderes sobre-humanos produz máquinas que não apenas compreendem o mundo ao seu redor — elas conseguem moldá-lo” (Lee, 2019, p. 156). Todas as criações de IA desse estudo trazem uma representação apenas de mulher, e jovem, lida como branca, fenotipicamente com traços ocidentais e hegemônicos. “Podemos conectar o pensamento antirracista sobre a tecnologia não apenas como crítica, mas também em prol de novas emergências que tenham como prerrogativa rejeitar potenciais de opressão” (Silva, 2022, p. 176). Portanto,

o amplo entendimento das camadas que sustentam o aprendizado de máquina e as subjetividades sociais são fundamentais para se pensar na regulamentação do uso da IA.

REFERÊNCIAS

ALBA Renai, influencer criada por IA, conducirá 'Supersecretos' em mitele y Telecinco.es. **Telecinco**, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cUmlx>. Acesso em: 2 jun. 2024.

ALVES, Sorais. Conheça LISA, a apresentadora de telejornal indiano gerada por IA. *Época Negócios*, São Paulo, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/51YTp>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem**: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: UBU Editora, 2021.

CARVALHO, Bárbara. Influencer criada por inteligência artificial é alvo de comentários machistas em redes sociais. **CNN Brasil**, 29 jul. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/IXLsm>. Acesso em: 21 jun. 2024.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

COECKELBERGH, Mark. **Ética na inteligência artificial**. Tradução de Clarisse de Souza *et al.* São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu Editora; Editora PUC-Rio, 2023.

COSTA, Ana Gabriela Garcia. Partido Comunista da China lança apresentadora de TV criada por IA. **Terra**, mar. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/W0pS0>. Acesso em: 26 jun. 2024.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Ianini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GUERRA, Yara. Índia cria apresentadores de notícias com IA e acende alerta nos profissionais da área. **CNN Brasil**, 26 jul. 23. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9dKpk>. Acesso em: 26 jun. 2024.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

INFLUENCER criada por Inteligência Artificial fatura mais de R\$ 50 mil por mês. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 nov. 23. Disponível em: <https://shre.ink/DGa7>. Acesso em: 20 jun. 2024.

JESUS, João. Esta é Alba Renai, a primeira apresentadora espanhola criada por inteligência artificial. **Público**, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://www.publico.pt/2024/03/19/tecnologia/noticia/alba-renai-primeira-apresentadora-espanhola-criada-inteligencia-artificial-2084152>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LEE, Kai-Fu. **Inteligência Artificial**: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos comunicamos e vivemos. Tradução de Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

RADFORD, Antoinette. Kuwait news outlet unveils AI-generated presenter Fedha. **BBC News**, 11 abr. 23. Disponível em: <https://shre.ink/DGaq>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

SOUZA, Antônio. Estúdios do jornalismo da Globo terão realidade aumentada e câmeras operadas por IA. **Exame**, São Paulo, 12 mar. 24. Disponível em: <https://shre.ink/DGat>. Acesso em: 21 jun. 2024.